

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: 117

Data: 18.07.83

Pg.: 3

Mãe contesta versão sobre morte do índio: Barcelos

A índia apurinã Maria da Silva Batista, mãe de Francisco da Silva supostamente assassinado no município de Barcelos, no ano passado, disse ontem que até o momento nem o delegado da Funai, Kasuto Kawamoto, e nem a desembargadora Naide Vasconcelos tomaram qualquer providência com relação ao processo que levaria ao esclarecimento dos fatos. Ela disse também que as provas são claras de que o índio foi assassinado e não morto por afogamento como está registrado na delegacia de polícia de Barcelos. A sua camisa manchada de sangue, encontrada na canoa, não deixa dúvida de que ele foi morto pelo rival de nome Raimundo Agostinho, que na ocasião viajava com Francisco.

Este relato, feito pela índia apurinã Maria da Silva Batista, deu-se ontem, na sede do Conselho Indigenista Missionário, em Manaus, quando na oportunidade ela pedia justiça por parte dos órgãos responsáveis, (no caso) a Funai e Tribunal de Justiça do Estado. Ela salientou que os dois órgãos, assim que foi sabedora da morte de índio Francisco, foram de imediato comunicados e que iriam tomar as providências legais. Mas isso não aconteceu até hoje quase um ano após o ocorrido.

O apurinã Francisco da Silva, 31 anos de idade, solteiro, há alguns anos trabalhava para o comerciante Miguel Susuarana. Viajava numa canoa juntamente com dois outros empregados do comerciante no dia 25 de abril de 1982.

dia do suposto crime.

A mãe do índio mostrou na ocasião um documento policial em que relatava o crime por afogamento. Mas isso, segundo ela, é uma versão dos dois elementos de nomes Manoel Ferreira da Silva e Raimundo Agostinho, este último o principal suspeito de ter assassinado Francisco, uma vez que ambos já há algum tempo vinham tendo rixas devido um comentado caso amoroso de Francisco com a mulher de Raimundo Agostinho, o que para a família do índio não passava de inveja do suspeito assassino.

Esse crime ocorrido no dia 25 de abril do ano passado, teve como cenário a localidade de Alegria, rio Quluinzinho, município de Barcelos e até hoje se encontra entre os insólitos. A mãe do índio disse também que sequer sabe onde foi enterrado o corpo do seu filho. Só sabe que as pessoas que o enterraram disseram que o corpo do seu filho se encontra sepultado há dois dias de viagem de barco desde a cidade de Barcelos. E para chegar ao local, não foi possível, uma vez que somente a prefeitura tinha condições de lhe fornecer um barco o que não foi permitido pelo então prefeito. No momento, apenas um relógio e uma camisa manchada de sangue são os únicos objetos pessoais do morto em poder de seus familiares. A camisa com manchas de sangue leva à suspeita de o índio ter sido assassinado e não morto por afogamento como está registrado na delegacia de Barcelos.